Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 14, Apocalipse 8 e 9, As Sete Trombetas e Imagens do Êxodo

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 14; Apocalipse capítulos 8 e 9, as sete trombetas e as imagens do Êxodo.

Vimos que João se baseia no tema do Êxodo, na verdade um tema que já vimos desempenhar um papel com João utilizando Êxodo 19.6 e se baseando na história do Êxodo no sentido de toda a narrativa do Êxodo.

E veremos que isso também desempenhará um papel em outras partes do Apocalipse. Não só isso, João não vai apenas para a história original do Êxodo; ele também pegará, veremos em vários lugares, e mencionarei isso já que este é o primeiro lugar onde ele começa a desenhar detalhadamente o motivo do Êxodo. Mais tarde, João também se baseia no uso que Isaías faz do tema do Êxodo, que Isaías usa como uma indicação de um segundo ou de um novo Êxodo.

Os capítulos 40 a 66 de Isaías estão latentes com imagens do Êxodo, onde o profeta Isaías retrata a libertação futura do povo de Deus como um novo Êxodo modelado a partir do primeiro. E então João percebe isso, e então o próprio João pode então voltar ao Êxodo original do livro de Êxodo e recorrer a algumas das características históricas do Êxodo agora para narrar este novo Êxodo que Cristo inaugurou ao criar um povo, redimindo um povo da escravidão e escravidão a Roma e ao pecado e ao mal, e agora criando um reino de sacerdotes. E agora vemos Deus em antecipação à sua libertação e à antecipação da sua herança final na nova criação de Apocalipse 21 e 22.

Tal como fez nos dias do Êxodo, Deus está, mais uma vez, derramando as suas pragas e o seu julgamento sobre um império perverso e ímpio. Assim, da mesma forma que Deus julga o Egito, Deus julgou o Egito pela sua opressão, maldade e maldade, e agora Deus está a fazer isso novamente num novo êxodo do seu povo e derramando os seus julgamentos sobre um império perverso. Na verdade, isso não é novidade para John em certo sentido.

Para ler de outro apocalipse, este é um apocalipse chamado Apocalipse de Abraão, e alguém realmente escreveu em nome de Abraão, registrando uma experiência visionária. No Apocalipse de Abraão, capítulo 30, observe o cenário aqui, mas quero que você observe a enumeração das pragas no final disso. Enquanto ele ainda falava, encontrei-me na terra e disse: Eterno Poderoso, não estou mais na glória que estava acima e não entendo tudo o que minha alma desejava entender em meu coração.

E ele me disse: Vou te explicar as coisas que você desejou em seu coração. Pois você procurou conhecer as dez pragas que preparei contra os gentios, e as preparei de antemão no decorrer das doze horas na terra. Eis o que vos digo: assim será.

A primeira praga, tristeza por muita necessidade. A segunda, conflagrações ardentes para a cidade. A terceira é a destruição por pestilência entre o gado.

A quarta é a fome no mundo da sua geração. A quinta, entre os governantes, foi a destruição por terremoto e espada. O sexto é o aumento do granizo e da neve.

As sétimas feras estarão em seu túmulo. O oitavo, a peste e a fome ou fome mudarão a sua destruição. A nona é a execução pela espada, a fuga e a angústia.

E o décimo, trovões, vozes e terremotos destruidores. Então observe no apocalipse de Abraão, as dez pragas do Egito são usadas como modelo para dez julgamentos e pragas adicionais que afetam mais do que o Egito, mas cidades, etc.

E assim João agora também usa a imagem da peste ao descrever um novo êxodo para descrever as pragas que Deus agora derramará sobre a terra. Mais uma vez, quero enfatizar que é mais importante do que apenas descobrir os detalhes do que são exatamente e como serão exatamente; em vez disso, é reconhecer que o significado é que estes interpretem a natureza e o significado do julgamento de Deus apelando para o Êxodo. Mais um ponto a salientar que penso que também pode estar a acontecer aqui e pode ser importante, e é da mesma forma que as pragas do êxodo foram, num certo nível, destinadas a julgar os deuses do Egito ou visavam os deuses. do Egito.

E muitos demonstraram, penso eu, que por trás da maioria das pragas estava um ataque a certos deuses que eram adorados pelos egípcios. Da mesma forma, pergunto-me se as pragas da trombeta aqui modeladas nas pragas do Egito não visam também a idolatria residente nos deuses romanos e em coisas como a adoração do imperador. E seria interessante trabalhar mais para ver se certos deuses poderiam estar por trás de algumas dessas pragas.

Mas certamente, tendo-as modelado nas pragas egípcias, pergunto-me se não devemos vê-las, num certo nível, como um ataque ou um julgamento aos deuses de Roma, à adoração idólatra do Império Romano, aos seus deuses, incluindo o imperador. adoração também. Assim, tendo dito isto, o que quero fazer é olhar brevemente para cada uma das trombetas e talvez fazer alguns comentários sobre o que elas podem indicar e o que podem implicar. Mas no final, reunindo-os e tentando chegar a uma visão geral do que pode estar acontecendo com essas pragas de trombeta.

Mas deixe-me dizer logo no início; Estou convencido de que oito e nove juntos, penso eu, visam principalmente a idolatria das pessoas, de pessoas perversas e ímpias. E talvez novamente, especialmente na idolatria inerente à religião romana e ao domínio romano e a todo o sistema romano de fazer as coisas e olhar o mundo. Trombeta número um.

A trombeta número um é descrita como fogo ou granizo e fogo misturado com sangue. Na minha opinião, isto indica claramente que isto deve ser entendido simbolicamente e não literalmente. Você pensa sobre isso, embora possamos pensar em alguma explicação científica que não tenho certeza se os leitores do primeiro século conseguiriam entender.

Parece-me que, para eles, granizo misturado com fogo seria, em certo sentido, uma contradição. E além disso, está misturado com sangue. Mas a praga do granizo aqui se assemelha claramente à sétima praga egípcia do capítulo nove de Êxodo.

E não vou voltar e ler isso, mas às vezes você pode voltar e ler e lembrar a praga de granizo que atingiu os egípcios. A diferença, porém, entre os dois é dupla. Observe, em primeiro lugar, que isto não se limita à terra do Egito, como a praga egípcia, mas agora é uma praga que se derrama sobre toda a terra.

No entanto, apenas um terço da Terra é afetado. E você notará, enquanto leio o capítulo oito, quantas vezes um terço foi repetido. Um terço deve ser entendido como maior do que um quarto associado aos selos no capítulo seis.

Também dissemos que um terço sugere uma limitação de julgamento. Isto é, não importa quão severo seja o julgamento, ele deve ser visto apenas como limitado. Ou seja, ainda há um julgamento maior a seguir.

A indicação aqui de apenas um terço, que é uma limitação, pode sugerir a misericórdia de Deus, mas, mais principalmente, sugere que estes são apenas julgamentos preliminares. Estas são apenas uma antecipação do julgamento maior que se seguirá. Portanto, este julgamento não afeta toda a terra, mas apenas parte dela.

Por ser simbólico, provavelmente não deveríamos, como já repetimos algumas vezes, determinar a população da Terra atual e depois imaginar um terço deles sendo literalmente afetados por isso. Mas, novamente, um terço sugere simplesmente uma limitação deste julgamento. Não afeta toda a terra.

Mas é possível que quando você lê este julgamento, é possível que ele aponte para uma fome que é ainda mais intensa e severa do que o terceiro selo do capítulo seis de Apocalipse. Mas, fora isso, novamente, é difícil dizer se esse julgamento ocorre por si só. Esta trombeta é uma praga física, ou é algo espiritual, ou é uma

combinação de ambas? No final, reuniremos tudo isso e talvez sugeriremos o que pode estar acontecendo com algumas dessas trombetas em geral. Trombeta número dois.

Na trombeta número dois, uma montanha que está em chamas é agora lançada ao mar. Provavelmente, essas duas partes desta imagem, tanto em chamas quanto em montanha, são significativas. Queimar implicaria um julgamento.

E então o fato de ser uma montanha provavelmente sugere um reino. Assim, a montanha representa ou simboliza um reino. E então o que temos aqui é o julgamento de Deus sobre um reino maligno.

Julgamento retratado em termos de queima ou incêndio. O pano de fundo disso é provavelmente Jeremias e o capítulo 51. E assim voltamos ao Antigo Testamento para uma compreensão de nossas imagens.

Em Jeremias capítulo 51, especialmente versículo 25, Jeremias 51 e versículo 25, eu estou contra você, ó montanha destruidora. Observe a imagem de uma montanha. Você que destrói toda a terra, declara o Senhor.

Estenderei a mão contra você, rolairei você dos penhascos e farei de você uma montanha incendiada. E então esta imagem de uma montanha em chamas provavelmente vem de um texto como Jeremias, capítulo 51, onde mesmo ali, a montanha parece refletir um reino. E então aqui a montanha provavelmente representa um reino maligno, mais especificamente no primeiro século, encarnado no Império Romano.

Além disso, voltando à praga do Êxodo, o resto desta praga diz que um terço da terra foi queimada. Vamos ver. Na verdade, um terço do mar transformou-se em sangue, o que lembra a praga do Êxodo, que transformou o mar e toda a água em sangue.

Então, um terço do mar se transformou em sangue. Um terço das criaturas vivas morrem. E um terço de todos os navios, curiosamente, foram destruídos.

Então, mais uma vez, aquela menção aos navios sendo destruídos, é possível novamente que isto seja visto como um ataque ou um julgamento ao comércio de Roma? Mais uma vez, a maneira de Roma fazer as coisas será significada na derrubada final do próprio império, simbolizada pelo lançamento da montanha, pelo incêndio da montanha e pela sua derrubada. E será possível, porém, que seja também um julgamento sobre os deuses que estão por trás de Roma e os deuses que estão por trás do comércio romano? Trombeta número três. E como eu disse antes, é difícil dizer até que ponto somos físicos para encarar isso.

É de natureza mais física? O julgamento é de natureza mais espiritual? João está principalmente interessado em usar imagens do Êxodo e do Antigo Testamento para interpretar e descrever a natureza de Deus e o significado do julgamento de Deus. Mas a trombeta número três é muito semelhante à trombeta número dois, onde um terceiro anjo agora toca uma trombeta, e agora encontramos uma praga que é caracterizada como uma grande estrela que está queimando, que agora é lançada do céu, e agora afeta a água. Portanto, observe uma espécie de progressão desde o primeiro que afeta a Terra.

A grama é afetada, um terço das árvores, um terço da terra, um terço da grama, e depois dois e três, agora as águas, o oceano são afetados. E então agora aqui com a trombeta número três, o terceiro anjo agora a emite na grande estrela descendo, a qual afeta toda a água. Uma estrela estava na literatura apocalíptica, muitas vezes simbolizando um ser angelical.

E provavelmente a grande estrela aqui simboliza algum tipo de ser angelical, talvez um ser maligno que agora vem fazer mal. E o resultado desta estrela é que toda a água se tornou amarga, novamente, refletindo Êxodo 7 e refletindo o dano de toda a água na praga do Êxodo. Agora, isso se repete aqui.

Curiosamente, dizia que a estrela se chama absinto. Simplesmente, o absinto era uma planta amarga. E assim a imagem aqui é da água tornando-se extremamente amarga, até mesmo venenosa, de modo que é imprópria para beber e causaria danos ou mesmo a morte para aqueles que realmente a bebessessem.

Mas é muito difícil dizer até que ponto estamos fisicamente para encarar isso, certamente não literalmente. Isso se refere a um tipo de julgamento físico, espiritual ou a uma combinação de ambos? Será isto, mais uma vez, um julgamento sobre a economia de Roma? É um julgamento sobre o sistema religioso romano e a idolatria que está por trás dele também? Número quatro, então, selo número quatro, sinto muito, a trombeta número quatro resulta em um anjo tocando sua trombeta. E agora observe que as constelações nos céus são afetadas.

E observe a repetição novamente da fração um terço, sugerindo limitação, sugerindo que este não é o julgamento final de Deus, que este é apenas um prenúncio de mais que está por vir ou do julgamento final que ainda está por vir. Mas com o toque da quarta trombeta, todas as constelações são afetadas. Isto provavelmente reflete a praga em Êxodo 10, onde há trevas em todo o Egito, exceto aqui, que é limitada a um terço devido ao propósito de João e à sua intenção aqui.

Não só o céu está escuro, mas todas as constelações, o sol, a lua e as próprias estrelas, um terço do dia e um terço da noite ficam sem luz. A questão novamente é: quão fisicamente devemos encarar isso? É possível, em primeiro lugar, novamente, que isto seja um ataque ou um julgamento à idolatria? Talvez estes devam ser

tomados como uma indicação do julgamento de Deus sobre os deuses de Roma e sobre o sistema religioso por trás dele. Mas é possível também que talvez a escuridão aqui indique a loucura ou a futilidade e a escuridão em que a humanidade idólatra mergulhou agora? Portanto, penso que Greg Beale, no seu comentário, entende esta praga principalmente em termos da escuridão espiritual e da completa futilidade de adorar deuses, deuses pagãos, de perseguir a idolatria, principalmente para os leitores do primeiro século envolvidos nas práticas idólatras de Roma.

Portanto, as primeiras quatro trombetas do capítulo 8 parecem ser a melhor maneira de abordá-las, e é possível observá-las coletivamente. É possível, então? Eu uso a palavra possível porque, dada a natureza do simbolismo e o fato de João se basear principalmente nas pragas do Êxodo, é difícil dizer, creio eu, exatamente o que ele tem em mente com cada uma delas. Em vez disso, o mais importante é focar no significado teológico e no significado teológico do julgamento de Deus que está relacionado com a praga do Êxodo.

Mas talvez as primeiras quatro trombetas pretendam demonstrar a completa futilidade da idolatria. Observe, como eu disse, a progressão do fato de que a terra é afetada, o fato de que a água é afetada, e então na trombeta número quatro, o fato de que todos os céus e as constelações são afetados. E é possível então que o último, particularmente a linguagem e as imagens das trevas, pretenda retratar simbolicamente a futilidade e a escuridão espiritual em que estão mergulhados aqueles que perseguem a idolatria e a futilidade de depender dos recursos do mundo e dos recursos do mundo? Roma em suas práticas idólatras.

Agora você tem uma imagem da completa futilidade de confiar nisso e da completa escuridão espiritual na qual estão agora mergulhados aqueles que dependem dos recursos do mundo e estão envolvidos em práticas idólatras. E agora eles sofrem com a escuridão. O sofrimento pode ser tanto espiritual quanto físico.

Novamente, é muito difícil dizer. Mas um ponto significativo sobre este ao qual voltarei mais tarde é especialmente o versículo 12, e o versículo 12, a última dessas quatro pragas, trombetas, que resultam em trevas, é muito provavelmente este versículo funciona como uma antecipação do escuridão e julgamento final que ocorre em Apocalipse 19 e 20. E então isso, por afetar apenas um terceiro, novamente, este é um julgamento limitado que funciona como uma espécie de prenúncio ou uma antecipação, ou um aviso do que a separação final de Deus, qual será a situação final de escuridão, como será o sofrimento final e a futilidade no julgamento final que é narrado nos capítulos 19 e 20 para aqueles que se recusam a se arrepender.

E eu enfatizaria, tal como os selos também, que provavelmente deveríamos ler isto à luz de que este não é apenas o julgamento de Deus sobre Roma, mas também o julgamento de Deus sobre as igrejas que se recusam a arrepender-se. Capítulos 2 e 3,

aquelas igrejas que se recusam a arrepender-se, aquelas igrejas que estão a comprometer o seu testemunho fiel, aquelas igrejas que estão envolvidas no sistema ímpio, idólatra e maligno de Roma, para elas, elas também serão receptoras destas pragas. Assim, as primeiras quatro trombetas podem ser coletivamente um julgamento sobre a idolatria de Roma e sobre aqueles que participam da idolatria de Roma, demonstrando a futilidade de confiar nos recursos da terra, nos recursos do mundo, demonstrando a futilidade e a escuridão espiritual de confiar em um sistema idólatra e a escuridão espiritual em que estão mergulhados e a futilidade em que estão mergulhados por causa de suas práticas idólatras.

Agora, no capítulo 9, que dissemos, é prefaciado por esta palavra interessante de uma águia que profere três ais. Esses três infortúnios então estabeleceram as três trombetas finais. E dissemos que dois deles são introduzidos e promulgados no capítulo 9. No capítulo 9, o terceiro aguardará o capítulo 11.

Mas o capítulo 9 narra agora mais dois julgamentos. E o que quero dizer brevemente é algo sobre as desgraças. As desgraças vêm da literatura profética e geralmente são usadas no contexto de julgamento.

São um ai para alguém, um pronunciamento de um ai por causa do julgamento que está por vir. Portanto, as desgraças aqui funcionam como uma espécie de alerta para prestar atenção aos julgamentos que estão por vir. A desgraça é pronunciada por causa do horror do julgamento.

Então, eu esperaria que as outras trombetas no capítulo 9 talvez fossem de natureza mais hedionda do que as quatro primeiras do capítulo 8. Observe também como o capítulo 9 começa com algumas pragas que terão um caráter muito diferente do capítulo 8. Observe como o versículo 13 antecipa isso, não apenas com a repetição das desgraças, mas observe a quebra que ocorre no versículo 13 do capítulo 8, sugerindo que a divisão do capítulo no capítulo 9 não está nada bem colocada. Se houver algum lugar, deveria estar no capítulo 8, versículo 13. Não apenas somos apresentados a esses três problemas, mas observe o versículo 13, onde João diz: Olhei e ouvi, quase chamando a atenção para uma nova seção.

Como dissemos, as trombetas finais são identificadas como tendo três ais. A próxima trombeta então, trombeta número cinco, trombeta número cinco, ou linha número um, começa no capítulo 9. E deixe-me ler o capítulo 9, que é o relato das próximas duas trombetas ou dos dois primeiros ais. E o que você notará imediatamente é a extensão desproporcional dada a essas duas trombetas em relação às quatro primeiras do capítulo 8. Lembre-se, as primeiras quatro trombetas nem começam até o versículo seis.

E assim as primeiras quatro trombetas são narradas em uma sucessão bastante rápida. Mas agora, no capítulo 9, as próximas duas trombetas são expandidas com

bastante detalhe, talvez sugerindo o seu significado. Na verdade, eu sugeriria que estes devem ser vistos como mais significativos.

E como dois problemas, devemos entender que estas serão pragas horríveis e significativas. E assim, começando no capítulo 9 e versículo 1, estas são as trombetas cinco e seis ou seis e cinco. O quinto anjo tocou a sua trombeta e vi uma estrela que caíra do céu na terra.

A estrela recebeu a chave do poço do abismo. Quando ele abriu o abismo, fumaça subiu dele como a fumaça de uma fornalha gigantesca. O sol e o céu foram escurecidos pela fumaça do abismo e da fumaça caíram gafanhotos sobre a terra.

E eles receberam poder como o de um escorpião da terra. Foi-lhes dito que não prejudicassem a erva da terra, nem qualquer planta ou árvore, mas apenas aquelas pessoas que não tinham o selo de Deus na testa. De Apocalipse capítulo 7, onde os servos de Deus, os 144.000, são selados, ou a igreja, o povo de Deus, é selado.

Não lhes foi dado poder para matá-los, mas apenas para torturá-los durante cinco meses. E a agonia que sofreram foi como a da picada de um escorpião quando atinge um homem. Naquela época, os homens procuravam a morte, mas não a encontravam.

Eles desejaram morrer, mas a morte os escapará ou escapará deles. Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Em suas cabeças eles tinham algo parecido com coroas de ouro, e seus rostos pareciam rostos humanos.

O cabelo deles era como o cabelo de uma mulher. Seus dentes eram como dentes de leão. Eles tinham couraças como couraças de ferro.

E o som de suas asas era como o trovão de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Eles tinham caudas que picavam como escorpiões. E em suas caudas eles tinham o poder de atormentar as pessoas por cinco meses.

Eles tinham como rei sobre eles o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abaddon, e em grego, Apolo. O primeiro ai já passou; outros dois ainda estão por vir. Dois outros problemas ainda estão por vir.

O sexto anjo, ou o segundo ai agora, tocou a sua trombeta, e ouvi uma voz vinda dos chifres do amieiro dourado que está diante de Deus. Disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: solte os quatro anjos que estão presos no grande rio Eufrates. E os quatro anjos que estavam preparados para esta mesma hora e dia e mês e ano foram soltos para matar um terço da humanidade.

O número de tropas montadas foi de 200 milhões. Eu ouvi o número deles. Os cavalos e cavaleiros que vi em minha visão eram assim.

Seus peitorais eram vermelho-fogo, azul-escuro e amarelo como enxofre. As cabeças dos cavalos pareciam cabeças de leões, e de suas bocas saíam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas de fogo, fumaça e enxofre que saíram de suas bocas.

O fogo e o poder dos cavalos estavam em suas bocas e em suas caudas, pois suas caudas eram como cobras com cabeças para infligir ferimentos. O resto da humanidade que não foi morta por estas pragas ainda não se arrependeu das obras das suas mãos. Eles não pararam de adorar demônios e ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, ouvir ou andar, nem se arrependeram de seus assassinatos, de suas artes mágicas, de sua imoralidade sexual ou de seus roubos. Então essas são as duas últimas trombetas em pelo menos as seis primeiras da sequência de trombetas.

Conforme você lê isso, para mim, parece mais algo que pode ser encontrado em um romance ou filme do Senhor dos Anéis. E não quero, de certa forma, estragar isso simplesmente examinando e tentando lidar com cada detalhe e dissecando-o. Mais uma vez, quero, em um nível, permitir que o texto se mantenha e permitir que você sinta o efeito de combinar todas essas imagens de couraças e características humanas, características de insetos, características de animais e características de guerra usando couraças neste uma imagem horrível.

Assim, esperançosamente, os leitores teriam sido impactados pelo que ouviram, e John certamente teria sido impactado ao ver isso, e agora, esperançosamente, o leitor compartilha algo do efeito, incluindo nós, simplesmente lendo-o como um todo. Então, precisamos ouvir a visão como um todo. Precisamos ver isso como um todo.

Precisamos visualizá-lo como um todo e obter seu efeito antes de simplesmente analisar e dissecar suas partes e tentar descobrir exatamente a que elas estão se referindo. Na verdade, não tenho certeza de que todas as partes da descrição desses gafanhotos e todas as partes da descrição desses cavalos e cavaleiros sejam dissecadas ou tenham necessariamente a intenção de indicar ideias distintas e separadas. Mas talvez, novamente, seja a combinação disso e o efeito que eles têm juntos e o que retratam sobre esses gafanhotos e o que retratam sobre esses cavaleiros montados em cavalos.

Mas quero examinar algumas características nesta descrição dessas duas trombetas finais, e são os dois grupos, grupos muito grandes, o grupo de gafanhotos e depois o grupo de cavalos e os cavaleiros descritos com algum detalhe neste texto. . Observe apenas alguns recursos e recursos significativos e, em seguida, tente lidar com qual

poderia ser a identidade desses grupos. E mais uma vez, eles são semelhantes? Eles são os mesmos? Eles são recursos separados? O que exatamente são essas coisas? O que eles representam? Este é o texto, e vou apenas abordá-lo agora porque penso que a nossa resposta a tal interpretação deveria ser óbvia.

No entanto, o capítulo nove é um dos textos que foi notoriamente identificado com vários instrumentos da guerra moderna. Mesmo voltando antes, o início do capítulo nove começa com fumaça saindo do abismo e a língua mais tarde com os cavalos de enxofre e fumaça saindo de suas bocas. Muitas vezes isso é evocado por imagens de uma guerra nuclear ocorrendo, e alguns pensaram que era exatamente isso que John estava prevendo.

Os gafanhotos indicaram instrumentos de guerra na forma de certos helicópteros, etc., etc. e o som de suas asas lembrando as pás da hélice de um helicóptero, etc., etc. entender lendo-o à luz dos fenômenos modernos, isto é, das armas militares e dos instrumentos de guerra modernos. Mas, novamente, temos que nos perguntar e voltar ao tipo de literatura e a alguns dos nossos princípios de interpretação, sendo um deles, número um, que João está usando imagens e linguagem que se destinam a comunicar simbolicamente.

Seria a linguagem e as imagens provenientes principalmente do Antigo Testamento e de textos apocalípticos com os quais muitos de seus leitores estariam familiarizados. Mas, em segundo lugar, dissemos que um dos princípios importantes é que, para qualquer interpretação do Apocalipse ser convincente, ela deve atender ao critério de que deve ser algo que João poderia ter pretendido e que seus leitores do primeiro século viviam em um mundo pré-tecnológico e moderno. a era militar pré-nuclear poderia ter compreendido e poderia ter compreendido. Portanto, dado isso, não há nenhuma maneira de John estar vendo ou pretendendo métodos modernos de guerra e pretendendo helicópteros e guerra nuclear.

John não teria percebido isso e seus leitores nunca teriam percebido. Portanto, tais interpretações provavelmente deveriam ser rejeitadas. No entanto, pode haver um pouco de valor em algo assim. Quando lemos isso, simplesmente não estamos acostumados com locus e coisas assim.

John, o que John faz é aprender, especialmente se você não foi, você não foi criado em um rancho ou fazenda; Já estive em situações em que houve uma praga de locus e vi a devastação que eles causam ao despojar as plantações da terra. Portanto, alguém nesse contexto pode ressoar com o locus, mas alguns que não têm experiência com o locus ou nunca viram algo assim podem não afetá-los da mesma maneira. Mas John está, na verdade, recorrendo a imagens que os seus leitores teriam compreendido e, de certo modo, ampliando-as em cenários grandiosos para fazer com que os seus leitores compreendam e respondam e reajam de forma adequada.

Ele brinca com seus medos, cuja praga local teria sido um medo genuíno de escorpiões e leões ferozes e animais e coisas assim. Compreendendo o que um abismo simboliza na literatura judaica do Antigo Testamento e na literatura greco-romana, João pega tudo isso e os transforma em um cenário grandioso, tirando imagens que brincam com os medos e esperanças de seus leitores. Assim, poderemos pelo menos resgatar parte do que as nossas tentativas modernas fazem, dizendo o que evoca medo nas nossas mentes. Bem, é uma guerra nuclear ou é um método moderno de guerra?

O medo de uma possível guerra mundial que envolva o potencial de destruição nuclear. Esse tipo de coisa poderia funcionar para nós da mesma forma que as imagens funcionam aqui. Não estou sugerindo que isso é exatamente o que João estava prevendo, mas quando pensamos em pragas e julgamento, quando pensamos no julgamento final de Deus, às vezes pode ser útil identificar quais coisas em nossos dias modernos são coisas que tememos, coisas que tememos. que indicam destruição, coisas que indicam guerra generalizada, coisas que indicam caos e mal, e olhar para elas para nos ajudar a talvez responder da mesma forma que os leitores originais teriam respondido às imagens em Apocalipse capítulo 9, sem sugerir a nossa a guerra, os cenários e as imagens dos dias modernos é o que João estava realmente prevendo.

Não, esse não é o caso. Mas esse tipo de coisas pode ajudar-nos a compreender o impacto e a evocar medos e respostas em nós, da mesma forma que teria acontecido no primeiro leitor de João. Agora, a primeira coisa que João vê no capítulo 9 é outro anjo ou outra estrela que cai do céu.

Dissemos que, especialmente na literatura apocalíptica e em outros lugares, as estrelas muitas vezes indicam seres angélicos, e é provavelmente isso que está acontecendo aqui. Qual é a função principal deste anjo? Esta é uma boa indicação da natureza apocalíptica do Apocalipse, onde os seres angélicos desempenham diferentes papéis, mas a função deste anjo é segurar a chave do abismo e realmente ir e desbloqueá-lo para deixá-lo sair para outros seres angélicos ou seres demoníacos. do abismo. Agora, o abismo é um termo que parece ter uma história bastante longa na literatura apocalíptica, mas mesmo no livro do Apocalipse, o abismo em grande parte da literatura apocalíptica é uma espécie de prisão ou lar de seres demoníacos.

No próprio Apocalipse, no capítulo 11, veremos que a besta, uma figura maligna, caótica e demoníaca, a besta sai do abismo no capítulo 11. No capítulo 17 e versículo 8, a besta é descrita como vindo fora do abismo, o que é apropriado, o abismo é o lar ou a prisão de seres malignos, demoníacos, espirituais e sobrenaturais. E então, no capítulo 20, versículos 1 e 3, Satanás é trancado no abismo e mais tarde libertado

para que o abismo aqui imediatamente conjure em nossas mentes o lar de seres malignos, demoníacos, satânicos e sobrenaturais.

E o que acontece quando o abismo se abre é que sai fumaça. E nesta fumaça encontramos basicamente um grupo de gafanhotos, toda uma nuvem de gafanhotos emergindo dessa fumaça. Os gafanhotos são o que chamam a atenção no resto disto, na descrição do quinto selo ou da quinta trombeta.

Os gafanhotos têm pelo menos para julgamento; como símbolo do julgamento de Deus, os gafanhotos têm pelo menos dois antecedentes do Antigo Testamento. Uma delas é a praga de gafanhotos de Êxodo 10 e 1 a 15. A outra é a praga de gafanhotos de Joel capítulos 1 e 2, capítulos 1:2 a 2:11. Na verdade, nos capítulos 1 e 2 de Joel, lemos sobre uma praga invasora de gafanhotos.

E vou apenas ler um pouco disso, mas ouçam isto, vocês, anciãos, este é Joel, capítulo 1, versículo 2. Ouçam isto, vocês, anciãos, ouçam todos vocês que vivem na terra. Já aconteceu algo assim em seus dias ou nos dias de seus antepassados? Conte isso aos seus filhos e deixe que eles contem aos filhos deles, etc. O que o enxame de gafanhotos deixou, os grandes gafanhotos comeram.

O que os grandes gafanhotos deixaram, os jovens gafanhotos comeram. O que sobrou aos jovens gafanhotos, outros gafanhotos comeram. Acordem, seus bêbados, e chorem.

Lamentem todos vocês, bebedores de vinho. Chore por causa do vinho novo, pois ele foi arrancado dos seus lábios. Uma nação invadiu sua terra, poderosa sem número, que tem dentes de leão, presas de leoa.

Devastou as minhas vinhas e destruiu as minhas figueiras. Arrancou a casca e jogou-a fora, deixando os galhos brancos. Vou parar aí e pular para o capítulo 2 e ler apenas alguns desses versículos, mas toda esta seção compara a devastação de uma invasão estrangeira com a invasão de uma praga de gafanhotos.

Capítulo 2, observe a conexão com a trombeta agora. Toque a trombeta em Sião. Soe o alarme na colina sagrada.

Tremam todos os que vivem na terra, pois o dia do Senhor está chegando. Está perto. Um dia de escuridão e escuridão, um dia de nuvens e escuridão, como o amanhecer se espalhando pela montanha.

Observe aquela linguagem de escuridão e escuridão, que é o que a fumaça produz quando sai do abismo em Apocalipse capítulo 9. Um exército grande e poderoso chega, como nunca houve na antiguidade nem jamais haverá na era por vir. Diante

deles, o fogo devora atrás deles como chamas. Diante deles, a terra é como o Jardim do Éden.

Atrás deles, há um deserto e nada escapa. Então a ideia é que, antes de chegarem lá, o terreno seja bonito e parecido com o Jardim do Éden. Depois que eles passam por isso, não há nada além de destruição.

Tudo foi devastado. Eles têm aparência de cavalos. Eles galopam como cavalaria.

Com um barulho semelhante ao de uma carruagem, eles saltam sobre as montanhas como fogo crepitante que consome o restolho, como um poderoso exército preparado para a batalha. Ao vê-los, as nações ficam angustiadas. Cada rosto fica pálido.

Eles atacam como guerreiros. Eles escalam paredes como soldados. Eles estão bem alinhados, não se desviando de seu curso.

Eles não se empurram. Cada um marcha em frente. Versículo 9. Eles avançam sobre a cidade.

Eles correm ao longo da parede. Eles sobem nas casas como ladrões que entram pelas janelas. Diante deles a terra estremece e estremece.

O sol e a lua escureceram e as estrelas não brilham mais. Conexão interessante com a praga número quatro. Em outras palavras, a praga número quatro, a trombeta número quatro em Apocalipse 8, que é o escurecimento das estrelas e dos céus, agora parece estar relacionada à praga de gafanhotos no capítulo 9. A conexão já é encontrada em Joel capítulo 2. O Senhor tropeja à frente de seu exército.

Suas forças são incontáveis e poderosos são aqueles que obedecem ao seu comando. O dia do Senhor é ótimo. É terrível.

Quem pode suportar isso? Assim, João tomou, com base nas pragas egípcias, começando com Êxodo 10, tomou a praga de gafanhotos, mas também desenhou outra grande praga de gafanhotos, que claramente é usada metaforicamente nos capítulos 1 e 2 de Joel, agora para retratar o extremo e a completa devastação e destruição que esta praga de gafanhotos produzirá agora no capítulo 9. E ainda hoje, como eu disse, se alguém já viu uma praga de gafanhotos, ou se você é um agricultor ou pecuarista, ou já viu evidência da praga de gafanhotos, pode-se entender o horror da destruição que uma praga de gafanhotos se transformou em algo maior do que a vida poderia produzir nos leitores. Mas esta claramente não é uma praga comum de gafanhotos. É uma combinação de insetos, animais, escorpiões e até seres humanos destinada a evocar terror e horror nos leitores.

Além disso, é intrigante que esta praga de gafanhotos não prejudique a vegetação, o que seria de esperar, mas em vez disso, esta praga de gafanhotos é única na medida em que prejudica a humanidade, aqueles que não têm o selo do capítulo 7 de Apocalipse. a questão sobre o que ou quem são esses gafanhotos em Apocalipse capítulo 9, eles são obviamente simbólicos, mas simbólicos de quê? E Grant Osborne, em seu comentário sobre Apocalipse, diz que esta é provavelmente a descrição mais bizarra de qualquer coisa encontrada no livro de Apocalipse. Como devemos identificá-los? Muito provavelmente, e acho que há um acordo bastante generalizado sobre isto nos comentários, provavelmente deveríamos identificar esta praga de gafanhotos como seres demoníacos. Acho que isso fica claro imediatamente pelo fato de eles terem saído do abismo.

Novamente, na literatura apocalíptica, mesmo no livro do Apocalipse, o abismo é a fonte da besta. É a fonte de seres satânicos, demoníacos, seres sobrenaturais, então devemos considerar esses gafanhotos não como helicópteros e aviões ou não como um gafanhoto físico literal, mas devemos considerá-los como um símbolo de um ataque demoníaco na destruição que eles causam. Qual é, então, o dano ou o tormento que os gafanhotos causam? Algumas vezes, foi dito que os gafanhotos podem atormentar os seres humanos.

Eles fazem isso pela cauda que lembra um escorpião. Com isso, eles têm autoridade para prejudicar, atormentar e causar problemas aos seres humanos. Mais uma vez, acho que é difícil dizer exatamente.

Isso é tormento físico? Se assim for, o que é? É tormento espiritual? É uma combinação de ambos? Talvez devamos ver isso novamente à luz da quarta trombeta no capítulo 8, versículo 12, que está trazendo trevas, causando trevas e futilidade, para que possamos entender isso como os gafanhotos prejudicam e atormentam as pessoas, mergulhando-as ainda mais no desespero e na escuridão, e demonstrando ainda mais a futilidade de sua idolatria. Em outras palavras, é possível que eles estejam causando danos espirituais tão terríveis que o autor possa dizer que eles até buscam a morte, e a morte até foge deles? Mas uma característica que quero salientar, ou duas outras características interessantes sobre a descrição desta praga de gafanhotos, é, em primeiro lugar, o facto de se dizer que os gafanhotos foram autorizados a operar durante cinco meses. Alguns tentaram, como acontece com outros números e períodos de tempo em Apocalipse, ler isso literalmente.

Provavelmente a melhor explicação é que cinco meses foi o ciclo de vida típico de um gafanhoto, por isso não devemos interpretar isso literalmente. Talvez indique, mais uma vez, a limitação de que este não é o julgamento final, mas os cinco meses não devem ser considerados como uma indicação de um curto período de tempo, nem devem ser considerados como cinco meses literais, mas simplesmente para indicar que o autor está simplesmente baseando-se na linguagem do estilo de vida típico de um gafanhoto, é que eles estariam basicamente vivos por cinco meses, então agora

ele retrata simbolicamente os gafanhotos fazendo seu trabalho por um período de cinco meses, o estilo de vida típico de um gafanhoto naquela época. Uma segunda característica interessante e incomum é que os gafanhotos parecem ter um líder no capítulo 9 e versículo 11, um líder que é descrito com duas palavras, a palavra hebraica Abadom e a palavra grega Apolo, ambas sugerindo destruição ou destruidor como o nome do líder, o que é completamente adequado para o líder deste grupo de gafanhotos, então o líder provavelmente é outro ser angélico, talvez aquele que a estrela que cai e abre o abismo, a estrela simbolizando um ser angelical, é possível que este seja o líder dos gafanhotos? Existem algumas outras possibilidades para este líder, que é chamado de Abadom ou Apolo em hebraico ou grego.

Uma delas é que isso pode ser uma alusão, retomando as pragas do Êxodo; isso pode ser uma alusão ao anjo da morte nas pragas do Êxodo. Também pode ser uma alusão a uma ideia em alguns lugares da literatura apocalíptica de um anjo da morte que Deus designou para o submundo como responsável pelos seres demoníacos. Essa também poderia ser a alusão a esse anjo, a esse líder que é chamado de destruidor, aquele que destrói, aquele que traz destruição.

Mas, em ambos os casos, a imagem serve para aumentar a natureza destrutiva do que está acontecendo. Esses gafanhotos, assim como os gafanhotos descritos no capítulo dois de Joel, parecem ter um líder. Ou seja, eles vão em ordem e saem como um exército, e parecem ter um líder que também está empenhado na destruição.

Agora, o que é interessante sobre esta praga é que é como se o autor estivesse dizendo aos seus leitores, leitores do primeiro século, que por trás dos deuses pagãos que eles são tentados a adorar, por trás dos deuses de Roma e do sistema idólatra de Roma e suas atividades, em última análise, residem em Satanás e seus demônios. Ironicamente, os próprios deuses que eles adorariam e as próprias imagens idólatras que eles adorariam, o que fica claro no final dos versículos 20 e 21, foram apresentados, especialmente o 20, aos ídolos que eles adoravam, que eles se recusaram a se arrepender. de adorar. Esses mesmos ídolos, na verdade, ironicamente se voltam contra eles e procuram prejudicá-los e destruí-los.

Os próprios deuses que eles seguem são os mesmos deuses que ironicamente os atormentam. Assim, a primeira praga do capítulo nove parece ser identificada com uma praga de seres malignos e demoníacos. A função dessa praga é, mais uma vez, um ataque à sua idolatria, demonstrando a natureza demoníaca da idolatria e, em certo sentido, a natureza destrutiva dela, que os próprios deuses que eles adoram, o próprio sistema idólatra em Roma, eles participam em, agora se volta contra eles para destruí-los, para demonstrar a futilidade, demonstrar a escuridão espiritual em que estão mergulhados, algo tão horrível que a morte seria uma alternativa viável, pois agora constitui o julgamento de Deus sobre a idólatra Roma, mas também sobre qualquer um que participariam disso, incluindo membros das sete igrejas de Apocalipse capítulo dois e três.

Trombeta número seis, ou ai número dois. No versículo 13, curiosamente, esta praga da trombeta é introduzida de uma forma única em relação às outras. Embora semelhante ao anterior, também envolve um ser angélico aparentemente abrindo algo para permitir que algo aconteça.

Ou seja, no versículo 13, somos apresentados a um anjo que toca a sua trombeta, e agora uma voz anônima vem do altar. Então, observe que temos o altar novamente, e aqui os chifres do altar de ouro são mencionados, então estamos de certa forma de volta à sala do trono celestial e a uma cena celestial, e agora uma voz anônima vem do altar, e aqui é o que diz. Ele se dirige a um sexto anjo que tem a trombeta, e o que este anjo deve fazer agora é ao quarto anjo, ou este anjo deve soar sua trombeta e libertar quatro anjos que estão presos no rio Eufrates.

Então, agora temos todos os tipos de seres angélicos desempenhando um papel novamente, sugerindo mais uma vez que esta praga será principalmente sobrenatural ou que esta praga envolverá seres do tipo angélico ou demoníaco. Mas então o que acontece quando esses quatro anjos que estão presos no Eufrates são libertados? Então, uma multidão de cavalos ou tropas montadas, cavalos com seus cavaleiros, agora saem correndo, e mais uma vez, é evidente que eles pretendem causar dano, que pretendem destruir, e pretendem derrotar e conquistar. Agora, a primeira pergunta é: quem são esses quatro anjos presos no Eufrates? Quem são os quatro anjos e o que eles representam? Por que quatro deles e por que o Eufrates? Pode ser que estes quatro anjos aqui sejam os mesmos quatro anjos do capítulo sete que detêm os quatro ventos, isto é, os quatro ventos do julgamento.

Agora, voltando aos capítulos sete, um e dois, lembre-se daquela visão anterior, os quatro ventos podem soprar, as quatro pragas, Deus ordena aos anjos que as contenham até que ele possa selar seus servos, aqueles que são capazes de resistir a isso. , aqueles que não serão prejudicados. Agora, talvez vejamos os quatro anjos ou os quatro ventos liberados e agora capazes de sair e causar danos, capazes de sair e causar estragos; isto é, os ventos simbolizam o julgamento. Agora, estes quatro anjos serão libertados e o seu julgamento ocorrerá.

A próxima pergunta a fazer é: por que o rio Eufrates? Muitas pessoas tentaram interpretar isso literalmente, e tem havido até muito interesse no que está acontecendo no rio Eufrates nos dias modernos e como as tropas poderiam atravessá-lo e coisas assim. Muito provavelmente, porém, mais uma vez, João está recorrendo a imagens simbólicas ou linguagem do Antigo Testamento e usando-as simbolicamente em sua própria visão para dizer algo. A chave é compreender que o Eufrates pode desempenhar um papel duplo.

Mais uma vez, pode evocar mais de um contexto. O rio Eufrates desempenhou um papel no texto profético do Antigo Testamento na expectativa de uma invasão do

norte ou de uma invasão que atravessasse o rio Eufrates. Portanto, há um contexto do Antigo Testamento onde o Eufrates seria um lugar apropriado para um exército cruzar, à luz das expectativas do Antigo Testamento.

É aí que você esperaria uma invasão. É deles que você esperaria que viesse um exército, um exército invasor vindo da direção do rio Eufrates. Além disso, porém, com o Império Greco-Romano, o Eufrates era uma espécie de fronteira oriental do Império Romano.

Outra coisa interessante é que um dos mais ferozes inimigos do Império Romano, os chamados guerreiros partas, teriam residido naquela região. Então, para uma formação greco-romana, alguém teria visto o Eufrates. Essa é a direção de onde viria o exército parta, o feroz inimigo de Roma.

Ou, da perspectiva do Antigo Testamento, à luz da literatura profética do Antigo Testamento, é aí que também se esperaria um exército invasor. Portanto, a menção do rio Eufrates aqui não deve ser interpretada literalmente, mas sua menção evoca novamente um exército invasor. Então, eles ouvem a palavra Eufrates; aí vem um exército invasor em cumprimento às expectativas do Antigo Testamento, mas também jogando com os medos daqueles que viviam no Império Romano.

Falaremos um pouco mais sobre quem são esses quatro anjos, o que eles fazem e o que é esse exército invasor que surge em cena. Como isso pode se relacionar com a praga de gafanhotos que o autor descreve na primeira parte do capítulo nove?

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 14, Apocalipse capítulos 8 e 9, as sete trombetas e as imagens do Êxodo.